



LUCIANA CARNEVALE

Especial para a Gazeta

●●●● Eles moram num nação pequena, de clima temperado e bastante montanhosa, carente de alternativas aos combustíveis, especialmente os chamados ecologicamente corretos, que tomariam o lugar dos fósseis, muito poluentes ao planeta.

Dependentes da gasolina para mover a economia, e mesmo a frota de veículos, os japoneses se vêem diante de um dilema que pode ser solucionado no Brasil, com benefícios a Piracicaba, sede do Pólo Nacional de Biocombustíveis.

No momento, apenas algumas regiões do país do Sol Nascente produzem o equivalente a 3% de etanol. Muito pouco no comparativo com o poderio brasileiro, que adiciona até 25% de álcool à gasolina.

De olho nas novidades, os nipônicos pretendem estabelecer uma parceria com o País que inclui, além da troca de tecnologias e ampliação de pesquisas, garantindo a importação de 3% de etanol, índice que seria misturado à gasolina e teria abrangência total no Japão, não apenas em alguns núcleos, como acontece atualmente.

Em visita a Piracicaba ontem (10), um grupo formado por seis professores, incluindo o reitor da Tokio University of Agriculture and Technology (Tuat), Hidefume Kobatake, e da Tsukuba University, se mostrou encantado com os equipamentos fabricados na cidade. Na Cosan, que responde por 10% do setor sucroalcooleiro no Brasil, os japoneses conheceram colheitadeiras e acompanha-

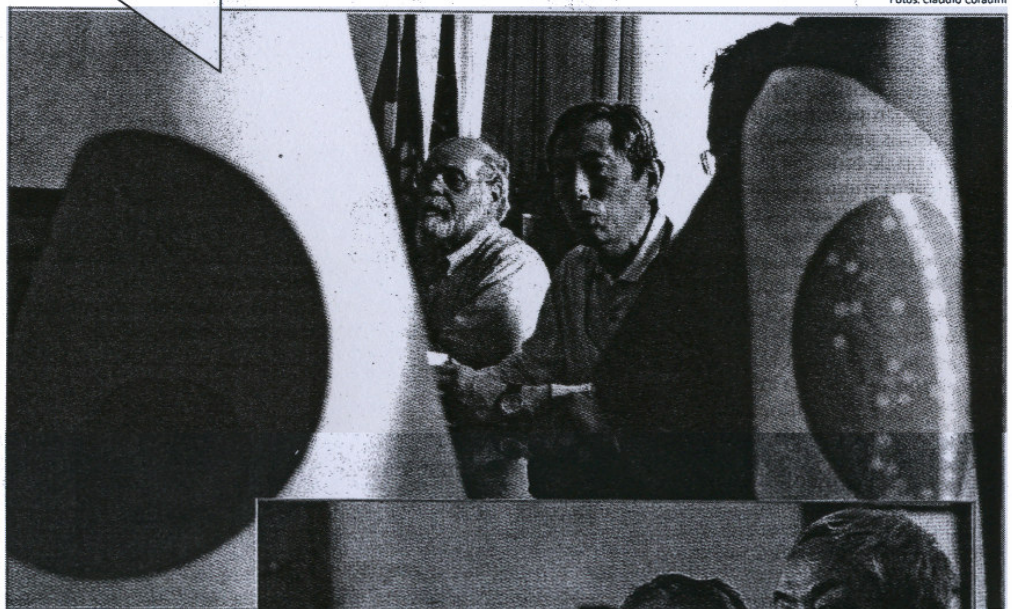
Japoneses

na Esalq

Grupo de professores conheceu a Esalq e Cosan

COMITATIVA ORIENTAL

Fotos: Claudio Coradini



O diretor da Esalq, professor Roque Dechen, recebeu os professores japoneses ontem à tarde. Eles consideram a troca de experiência importante



ram todo o processo de colheita e de moagem da cana-de-açúcar.

Seguiram satisfeitos rumo à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) onde foram recepcionados pelo diretor, Antônio Roque Dechen; pelo vice-diretor Natal Vello; e pelos professores Celso Omotto, coordenador do convênio Brasil-Japão; e Thiago Romanelli, ligado ao Departamento de Engenharia Rural da instituição.

SEM CONDIÇÕES. Na Escola, Kobatake fez questão de afirmar que a troca de experiências é fundamental, especialmente porque o Japão não tem estrutura para produzir o etanol, mesmo na faixa dos 3% válidos para todo o país.

A importação é inevitável e iminente. Os japoneses só não divulgaram quantidades referentes ao volume do que poderia ser comprado, nem os custos das tratativas. Comenta-se em milhões de dólares, mas não existem negócios fechados.

ESTUDO

Etanol da palha de arroz

● Apesar do entusiasmo com as ações piracicabanas em direção

ao etanol, os japoneses se preocupam com a produção de álcool a partir de matérias-primas alimentares. O milho aparece como grande vilão.

Para minimizar essa dor-de-cabeça que tira o sono dos estrangeiros, o Japão desenvolve estudos, que devem ser concluídos em uma década,

que prevê a utilização da palha e da casca do arroz, alimento muito consumido em terras orientais. Descartadas, a palha e a casca seriam usadas para a produção de biocombustíveis. Enquanto nada é comprovado em relação a esta tecnologia, a saída é mesmo o etanol brasileiro.

JAPONESES NO BRASIL

Informações sobre os dois países

Em visita ao Japão, no último mês de abril, participante do 'Simpósio Brasil-Japão: Contribuição ao Agronegócio', que terminou ontem no Memorial da América Latina, em São Paulo (SP), o diretor da Esalq, Roque Dechen, não escondeu a alegria ao saber que mais de 10% de nisseis, ou descendentes japoneses, são ex-estudantes da Escola. Durante o evento, Dechen foi informado de que a área de

terras brasileiras pertencentes a japoneses corresponde a duas vezes ao total do território japonês. É como se, no Brasil, houvesse dois Japões. Ao todo, de acordo com o professor, são 2,5 milhões de imigrantes, dos quais 1,5 milhão no Brasil. Segundo Dechen, 75% dessa grande fatia populacional é formada por descendentes. "Por esse e outros motivos é que o Brasil, e Piracicaba, se

mostram cada vez mais abertos ao Exterior", salienta. Desde 2002, sete pessoas participaram do intercâmbio acadêmico que une Piracicaba e Japão.

NÚMERO

1,5

milhão são os imigrantes japoneses no País

●●●● Eles moram num nação pequena, de clima temperado e bastante montanhosa, carente de alternativas aos combustíveis, especialmente os chamados ecologicamente corretos, que tomariam o lugar dos fósseis, muito poluentes ao planeta.

Dependentes da gasolina para mover a economia, e mesmo a frota de veículos, os japoneses se vêem diante de um dilema que pode ser solucionado no Brasil, com benefícios a Piracicaba, sede do Pólo Nacional de Biocombustíveis.

No momento, apenas algumas regiões do país do Sol Nascente produzem o equivalente a 3% de etanol. Muito pouco no comparativo com o poderio brasileiro, que adiciona até 25% de álcool à gasolina.

De olho nas novidades, os nipônicos pretendem estabelecer uma parceria com o País que inclui, além da troca de tecnologias e ampliação de pesquisas, *garantindo* a importação de 3% de etanol, índice que seria misturado à gasolina e teria abrangência total no Japão, não apenas em alguns núcleos, como acontece atualmente.

Em visita a Piracicaba ontem (10), um grupo formado por seis professores, incluindo o reitor da Tokio University of Agriculture and Technology (Tuat), Hidefume Kobatake, e da Tsukuba University, se mostrou encantado com os equipamentos fabricados na cidade. Na Cosan, que responde por 10% do setor sucroalcooleiro no Brasil, os japoneses conheceram colheitadeiras e acompanharam todo o processo de colheita e de moagem da cana-de-açúcar.

Seguiram satisfeitos rumo à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) onde foram recepcionados pelo diretor, Antônio Roque Dechen; pelo vice-diretor Natal Vello; e pelos professores Celso Omotto, coordenador do convênio Brasil-Japão; e Thiago Romanelli, ligado ao Departamento de Engenharia Rural da instituição.

●SEM CONDIÇÕES. Na Escola, Kobatake fez questão de afirmar que a troca de experiências é fundamental, especialmente porque o Japão não tem estrutura para produzir o etanol, mesmo na faixa dos 3% válidos para todo o país.

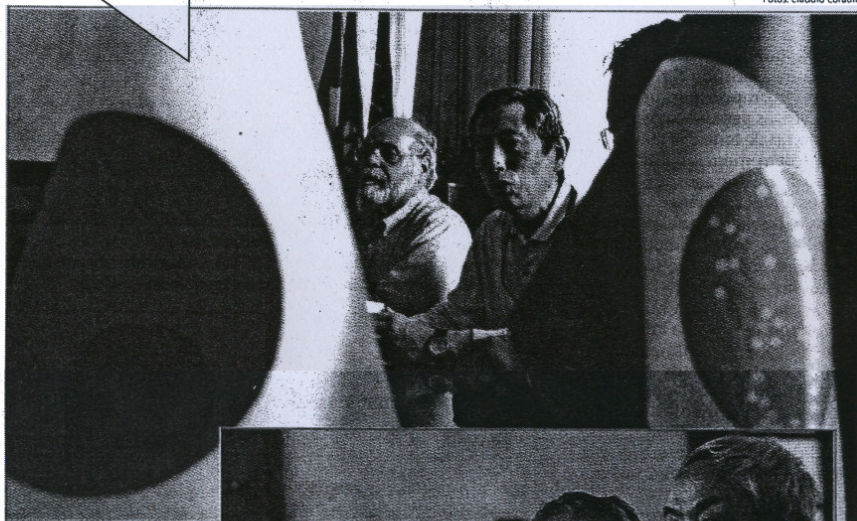
A importação é inevitável e iminente. Os japoneses só não divulgaram quantidades referentes ao volume do que poderia ser comprado, nem os custos das tratativas. Comenta-se em milhões de dólares, mas não existem negócios fechados.

Japoneses na Esalq

Grupo de professores conheceu a Esalq e Cosan

COMITIVA ORIENTAL

Fotos: Claudio Coradini



O diretor da Esalq, professor Roque Dechen, recebeu os professores japoneses ontem à tarde. Eles consideram a troca de experiência importante



ESTUDO

Etanol da palha de arroz

● Apesar do entusiasmo com ações piracicabanas em direção

ao etanol, os japoneses se preocupam com a produção de álcool a partir de matérias-primas alimentares. O milho aparece como grande vilão.

Para minimizar essa dor-de-cabeça que tira o sono dos estrangeiros, o Japão desenvolve estudos, que devem ser concluídos em uma década,

que prevê a utilização da palha e da casca do arroz, alimento muito consumido em terras orientais. Descartadas, a palha e a casca seriam usadas para a produção de biocombustíveis. Enquanto nada é comprovado em relação a esta tecnologia, a saída é mesmo o etanol brasileiro.

JAPONESES NO BRASIL

Informações sobre os dois países

Em visita ao Japão, no último mês de abril, participante do 'Simpósio Brasil-Japão: Contribuição ao Agronegócio', que terminou ontem no Memorial da América Latina, em São Paulo (SP), o diretor da Esalq, Roque Dechen, não escondeu a alegria ao saber que mais de 10% de nisseis, ou descendentes japoneses, são ex-estudantes da Escola. Durante o evento, Dechen foi informado de que a área de

terras brasileiras pertencentes a japoneses corresponde a duas vezes ao total do território japonês. É como se, no Brasil, houvesse dois Japões. Ao todo, de acordo com o professor, são 2,5 milhões de imigrantes, dos quais 1,5 milhão no Brasil. Segundo Dechen, 75% dessa grande fatia populacional é formada por descendentes. "Por esse e outros motivos é que o Brasil, e Piracicaba, se

mostram cada vez mais abertos ao Exterior", salienta. Desde 2002, sete pessoas participaram do intercâmbio acadêmico que une Piracicaba e Japão.

NÚMERO

1,5

milhão são os imigrantes japoneses no País